

A FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO, OS INTELECTUAIS E A CIDADE: PROGRAMA DE INVESTIGAÇÃO, ILUSTRAÇÕES SIGNIFICATIVAS E DESAFIOS ANALÍTICOS¹

RESUMO

Perspetivando o percurso histórico da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com a presente intervenção, procuramos estabelecer as coordenadas principais de um possível programa de investigação sociológica sobre a ação desta instituição na Universidade e na cidade. Para além de uma leitura sobre a configuração de relações responsável pela emergência e autonomização de disciplinas e formações universitárias específicas reunidas na Faculdade, o programa de pesquisa releva o potencial heurístico de um retrato sociológico e prosopográfico sobre os respetivos professores. À luz das coordenadas a estabelecer, mobilizam-se resultados de diferentes investigações sociológicas. Tomando por referência um quadro constituído por conjunturas históricas específicas, para fins de ilustração analiticamente significativa, elaboram-se uma leitura que relaciona as diferentes propriedades

¹ O presente texto retoma a intervenção, com o mesmo título, proferida por Virgílio Borges Pereira no âmbito do colóquio internacional que comemorou o centenário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O argumento neste produzido beneficia de um longo corpo de pesquisas desenvolvido em conjunto com o sociólogo Bruno Monteiro, consagrando a versão final do texto também a autoria deste último investigador.

da ação dos professores da Faculdade de Letras. Em complemento, procura-se, igualmente, informar um tal exercício de leitura pela identificação das propriedades sociais e simbólicas características do campo intelectual portuense nos períodos em apreço. A intervenção termina com a formulação de um conjunto de desafios analíticos pertinentes.

ABSTRACT

Taking as reference the historical course of the Faculty of Arts of the University of Porto, with this presentation, we seek to establish the main coordinates of a possible sociological research program on the action of this institution in the University and the city. In addition to a reading of the configuration of relationships responsible for the emergence and autonomization of specific university disciplines and degree programs offered by the Faculty, the research program highlights the heuristic potential of a sociological and prosopographic portrait of its professors. In light of the coordinates to be established, the results of different sociological investigations are mobilized. Under specific historical circumstances, for purposes of analytically significant illustration, a reading is elaborated that relates the different properties of the professors of the Faculty of Arts. Furthermore, the intervention also seeks to inform such an exercise of reading by identifying the social and symbolic properties characteristic of the intellectual field of Porto in the periods under consideration. The presentation ends with the formulation of a set of relevant analytical challenges.

Num conjunto relativamente alargado de pesquisas, temos tido a possibilidade de estar envolvidos em diferentes investigações sociológicas de forte componente socio-histórica em que a ação de instituições como a Faculdade de Letras e a Universidade do Porto, na cidade, é particularmente relevante. As investigações desenvolvidas têm vindo a permitir autonomizar algumas coordenadas teórico-metodológicas, que julgamos possuírem interesse quando se reflete coletivamente sobre o potencial heurístico de uma abordagem do passado e sobre os desafios que se colocam ao futuro provável da instituição. Propomos, por isso e no âmbito da análise que deste modo se apresenta, partilhar um ponto de vista suscetível de ser mobilizado para efeitos de dinamização de pesquisa socio-histórica sobre a ação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e discutir as suas propriedades. Propomos ainda proceder a duas breves ilustrações sobre o que podemos retirar daquele ponto de vista em matéria de aprofundamento de conhecimento a partir da análise de duas situações de crise que têm a particularidade de revelar estados diferen-

ciados das relações sociais em que se inscrevia a ação da Faculdade de Letras. Terminaremos com uma curta reflexão que envolve a formulação de alguns desafios que se podem colocar à dinamização de um renovado programa de pesquisa em torno destas questões.

UM PROGRAMA DE INVESTIGAÇÃO

Seja a propósito das incidências da política social e habitacional na cidade (Pereira, 2016), seja a propósito da ação de instituições como a Santa Casa da Misericórdia da Cidade do Porto (Pereira e Teixeira, 2018; Monteiro e Pereira, 2018), seja ainda a propósito das modalidades de afirmação do militantismo social e político na cidade do Porto do século XX (Monteiro, 2012; Monteiro e Pereira, 2013; Pereira, 2013), com frequência, as vicissitudes decorrentes da ação de intelectuais e de atores sociais e políticos da mais variada ordem cruzam-se, em várias das investigações em que temos estado envolvidos, com a ação da Universidade do Porto. Os ciclos de ausência e de presença da Faculdade de Letras da Universidade do Porto na cidade e do espaço de relações por esta garantido têm integrado, neste sentido, as preocupações analíticas desenvolvidas nestes trabalhos, a propósito dos quais tem sido possível construir um ponto de vista sociológico específico. Este tem beneficiado dos avanços que as diferentes ciências sociais têm garantido em matéria de conhecimento pormenorizado dos encontros entre os corpos socializados e as instituições e, nesse sentido, tem vindo a permitir reconstituições variadas dos quadros de relações em que se funda a ação de diferentes protagonistas da sociedade portuense ao longo do século XX, garantindo, neste caso, olhares específicos sobre os professores e intelectuais do Porto para o período em questão.

Um tal ponto de vista sociológico, traduzido em programa de investigação, tem envolvido a realização do que podemos classificar, dada a natureza das operações materiais realizadas, como um empreendimento relativamente vasto de construção de objeto, só tornado possível pelo facto de a ciência – desde logo, a ciência social – ser uma produção coletiva, que beneficia dos avanços do conhecimento que, em diferentes disciplinas, permitem apurar questionamentos, análises e procedimentos estandardizados e replicáveis de recolha e análise de informação. Contudo, não obstante os contributos muito significativos que diferentes gerações de investigadores – desta casa e de outras – têm dado para o conhecimento da realidade social portuense das últimas décadas e, em particular, para o conhecimento da ação da Faculdade de Letras na Universidade e na cidade, deve reconhecer-se que um extenso caminho de análise e de recolha de informação necessita de ser efetuado. Nesse sentido, e ainda antes de se proceder a ilustrações pertinentes de duas

conjunturas socio-históricas da intelectualidade portuense onde é possível revelar o significado social e político apurado do que se configura (ou não) na Faculdade de Letras, consideramos ser particularmente adequado discutir, sinteticamente, aquelas que têm sido as coordenadas do programa de pesquisa levado a cabo sobre esta matéria. Uma tal discussão deve ser entendida como um contributo para a socialização do conhecimento e como um convite ao desenvolvimento de novas pesquisas sobre a temática.

PROSOPOGRAFIA DE INTELCTUAIS, TEMPO E ESPAÇO SOCIAIS

Como muito bem demonstra Christian Topalov (2016) num dos seus mais recentes livros, intitulado *Histoires d'Enquêtes* e dedicado a trabalhos sociológicos de questionamento de cidades produzidos por três nomes reconhecidos na história da disciplina sociológica – em concreto, Charles Booth, Maurice Halbwachs e o grupo reunido em torno de Robert E. Park –, ao pensar sociologicamente a interrogação do legado de escolas e de intelectuais, é particularmente adequado adotar um ponto de vista centrado sobre a trama de relações práticas em que se inscreve a ação de investigadores e/ou de professores para compreender o âmbito do respetivo trabalho e a dinâmica das “interações” por estes gizadas². No trabalho citado, a compreensão da atividade científica e social inaugural desenvolvida por aqueles homens sobre, respetivamente, Londres, Paris e Chicago passou largamente pela análise da rede de relações e de interações que estes estabeleceram com os seus pares a partir das instituições em que tinham lugar, desde logo, com aqueles que lhes eram próximos no quotidiano destas.

Compreende-se, por isso, que uma das primeiras operações que se preconiza para conhecer os intelectuais em ação seja, precisamente, a de proceder à identificação dos “agentes eficientes”, no sentido que lhe é conferido por Pierre Bourdieu (2000:248)³, que se envolvem no quadro de relações formado a partir da prática e do interesse pelas atividades “intelectuais” – desenvolvidas, neste caso, a partir do horizonte de referência constituído pela cidade do Porto. A dinamização de trabalhos de pesquisa neste domínio envolve, assim, um esforço minucioso de identificação, construção e análise de percursos biográficos pertinentes de intelectuais ao longo de um extenso período temporal – que, em termos práticos, versa sobre o século XX, mas que envol-

² O presente segmento do texto retoma argumentos que foram desenvolvidos com mais pormenor em Monteiro e Pereira (2016). A demonstração analítica subjacente ao exercício proposto foi, por sua vez, apurada a partir dos trabalhos que conduziram à investigação realizada em Monteiro (2012).

³ Ainda que se encontre num domínio da obra de Bourdieu dedicado à sociologia económica, haverá vantagens em mobilizar para a sociologia dos intelectuais uma tal noção.

ve, em muitos casos, um regresso ao final do século XIX. A construção desta perspetiva sobre a biografia de intelectuais com recurso às preocupações da prosopografia (Ponton, 1975; Jurt, 1980:397-425; Charles, 1990; Homem, 2011) permite, de modo iterativo, estabilizar coordenadas de leitura pormenorizada sobre criadores e criações intelectuais, não perdendo de vista as já mencionadas relações sociais decorrentes da ação dos indivíduos assim retratados em diferentes instituições.

Ao entender os criadores e as instituições num sentido lato e capaz de consagrar as formas e as instâncias mais variadas de produção intelectual, é possível superar várias das dificuldades que habitualmente se colocam a quem procura conhecer os universos de criação simbólica e os seus protagonistas. Em concreto, é possível escapar à elisão da história social dos criadores e, com isso, proceder a uma objetivação – mais apurada nuns casos, mais aproximada em alguns outros – da morfologia social dos intelectuais⁴, documentando, por essa via, as diferentes incidências da sua vida material. Por outro lado, é possível articular uma tal perspetiva com preocupações adicionais, de âmbito mais orientadamente fenomenológico, que permitam definir matrizes de relações sociais e sociabilitárias das práticas dos intelectuais estudados a que são atribuídas inscrições sociais significativas. A estas preocupações vinculam-se, por fim, dispositivos de objetivação que permitem a identificação de modalidades relevantes de envolvimento cultural e político de intelectuais inventariados, para além da própria consagração analítica e autónoma das próprias criações. Mais do que perspetivar o problema a partir de quem, na História, foi tido como “vencedor” ou “vencido”, “eleito” ou “afastado”, interessa, para uma tal linha de análise, conhecer a singularidade das biografias na sua inscrição quotidiana, perspetivando a possibilidade de lhes objetivar propriedades gerais que envolvam princípios de uma construção social significativa suscetível de ser descoberta, analiticamente identificada e problematizada. Na génese da eleição de cada intelectual está, por isso, um olhar pormenorizado sobre práticas simbólico-ideológicas variadas, das que passam pela escrita publicada nas suas diversas modalidades e géneros, mas também sobre instituições de ensino e da cultura de diferentes âmbitos, e sobre iniciativas culturais e científicas de índole alternativa, que dão conta da espessura dos eventos e práticas dos intelectuais na cidade. A reconstituição de segmentos significativos da história de determinadas instituições não está longe do horizonte de trabalho assim desenvolvido.

Ainda que esteja implícita na primeira das operações, a segunda operação

⁴ Uma muito pedagógica reflexão sobre a pertinência das perspetivas morfológicas sobre criadores pode encontrar-se no trabalho desenvolvido por P. Bourdieu sobre o conjunto de transformações sociais subjacentes à afirmação de Manet (Bourdieu, 2013:239-243).

envolve um outro procedimento de objetivação sociológica, neste caso, da relação com o tempo, que envolve a atenção a conjunturas temporais específicas (Bourdieu, 1998:245-288; Gobile, 2008). Se as inscrições sociais de intelectuais são sensíveis a conjunturas temporais pertinentes, o mesmo se terá de assumir relativamente ao horizonte de ações decorrente da relação com pares e instituições. Num tal quadro, os procedimentos de pesquisa passam por identificar configurações temporais específicas que permitam dar sentido às posições e tomadas de posição dos intelectuais identificados, assim como às dinâmicas institucionais e políticas, em sentido lato, em que estes possam estar envolvidos. Pensando numa investigação sobre intelectuais portugueses, os marcos cronológicos não podem deixar de integrar a história institucional da Faculdade de Letras, o seu nascimento e encerramento, a criação do Centro de Estudos Humanísticos e, mais tarde, a refundação da Faculdade de Letras e as suas dinâmicas sociais (Ramos, 2011; Araújo, 2013; Homem, 2015).

Um terceiro procedimento está também largamente implícito nos anteriores. Construir um ponto de vista morfológico sobre os intelectuais do Porto e fixá-lo em tempos sociais precisos, sendo dois exercícios pertinentes e dotados de valor próprio, não dispensa um passo analítico suplementar, que, em suma, confere sentido aos primeiros exercícios identificados. Um tal passo suplementar permite a definição do espaço social formado pelos intelectuais identificados. Inscreve-se, com efeito, no esforço de objetivação que, deste modo, se estabelece um propósito de leitura relacional das propriedades sociais dos intelectuais em conjunturas temporais definidas. Um tal procedimento obriga a ler as propriedades sociais da ação dos intelectuais do Porto a partir da configuração de relações de poder em que estes se inserem. As relações de poder aqui em questão envolvem, por isso, investimentos práticos, sociabilitários e institucionais de âmbito diferenciado que importa saber captar e objetivar para efeitos de documentação do conteúdo das ações desenvolvidas pelos intelectuais estudados e, especificamente, para potenciar a sua leitura relacional. É este o quadro de investigação que justifica e autoriza o recurso à “análise geométrica de dados” (Le Roux e Rouanet, 2010) e que permite a definição do “espaço social” dos intelectuais (Bourdieu, 1984), e que não deve deixar de fazer equacionar as respetivas implicações em matéria de polarização no próprio espaço físico da cidade (Charle, 2001:230-241).

DUAS ILUSTRAÇÕES SIGNIFICATIVAS

Turbulento, o longo período de quase sete anos que medeia entre a queda da Primeira República e a “aprovação” da Constituição da República de 1933, que oficializa a nova configuração política do regime, antecipa uma das principais propriedades que marcarão o país nas décadas subseqüentes: durante o

regime do “Estado Novo”, em Portugal e, em termos práticos, no período que se sucede, imediatamente, ao 28 de maio de 1926, a necessidade da “ordem” afirma-se. Alicerçada na criação de um aparelho institucional coercitivo dotado de uma lógica tentacular, uma tal necessidade será marcada pelos efeitos da progressiva supressão de liberdades e garantias, que se alargarão aos mais variados domínios das relações sociais (Rosas, 2012:190-210). Desde muito cedo, por isso, instituições, intelectuais e produções culturais estarão, por razões de força política, em crise⁵. Uma tal crise inscrever-se-á perenemente no funcionamento do mundo da criação educativa e cultural. Ainda que uma parte significativa da Universidade portuguesa mantenha traços conservadores ao longo da história do regime (Guerra e Nunes, 1969:5-49), importa ter presente que se levantaram nestas vozes de oposição ao que se gizava politicamente para o país. Os sinais de crise na Universidade seriam dados precocemente. Na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, o 28 de maio de 1926 redundou, muito rapidamente, na demissão de Leonardo Coimbra do cargo de Diretor da Faculdade (Baptista, 2012:183).

As virtualidades interpretativas das operações elencadas previamente e, especificamente, as potencialidades do trabalho biográfico, da prosopografia e da análise geométrica de dados sobre indivíduos criadores podem ser bem ilustradas a partir do tratamento de duas conjunturas de crise vividas pela intelectualidade da cidade decorrentes da ação da Ditadura Militar, depois “Nacional”, e do “Estado Novo”. A primeira corresponde ao processo de encerramento da Faculdade de Letras e à sua leitura à luz das trajetórias biográficas dos indivíduos que foram seus professores. A segunda diz respeito à conjuntura subsequente ao “furacão ‘Delgado’” (Alves, 1998) e ao quadro de relações sociais que marca os intelectuais da cidade do Porto, lidos à luz da articulação entre prosopografia, análise de um tempo histórico curto e do espaço social dos intelectuais que o informava.

PRIMEIRA ILUSTRAÇÃO: TRAJETÓRIAS DE INTELCTUAIS SINGULARES NO FIM DE UMA INSTITUIÇÃO

A Ditadura Militar e o regime do “Estado Novo”, envolvendo uma clara opção por soluções de apelo à ordem de tipo repressivo, procuraram, rapidamente, conciliar tais opções com a conquista de uma real capacidade de influência sobre os diferentes domínios da realidade social do país, incluindo, evidentemente, os mundos da educação e da cultura, como têm demonstrado as pesquisas de distintos investigadores (Monteiro, 2016). Com a institucio-

⁵ Para um esclarecimento sociologicamente aprofundado do entendimento de crise aqui mobilizado, cf. Dobry (2009).

nalização do “Estado Novo” e o esforço de “corporativização” do regime, nos inícios dos anos 1930, a promoção de intelectuais disponíveis para um envolvimento com a promoção da cultural oficial, por meio de trabalho específico desenvolvido no interior das instituições, desde logo das Universidades, e por intermédio da ação de instituições propositadamente criadas para o efeito, como o Secretariado da Propaganda Nacional, mais tarde reconhecido como Secretariado Nacional de Informação (SNI), impuseram-se, progressivamente, como práticas correntes. A promoção, por esta e por outras vias, dos valores nacionalistas entre professores e criadores culturais traduziu-se, quando bem-sucedida, em práticas de reprodução social e na consumação de trajetórias de favorecimento ou de mobilidade social ascendente, graças a mecanismos de cooptação em ação no interior de instituições existentes ou ao patrocínio das novas instituições e políticas do Estado fundadas para este efeito (Pinto, 2008; Monteiro e Pereira, 2014:220-221). A interferência e o condicionamento de lutas académicas e culturais, com objetivos precisos de definição de princípios de hierarquização social e de valorização cultural, a que corresponderam a reversão e o afastamento de princípios autóctones de divisão do mundo próprios do universo das práticas educativas e culturais e, evidentemente, daqueles que os protagonizavam (Rosas e Sizifredo, 2013), tornaram-se parte do “viver habitualmente” promovido pelo “Estado Novo”.

Encerrar a Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que se afirmava pela autonomia do seu projeto científico e pedagógico (Baptista, 2012: 143-182) e, mais tarde, não reverter a respetiva decisão, sinalizava, num primeiro momento, e confirmava, de seguida, os propósitos de controlo prático e simbólico previamente mencionados. Ainda que unanimemente rejeitada pelos órgãos da Universidade do Porto, deve reconhecer-se que, tal como noutras circunstâncias históricas e noutros campos, e como têm vindo a sublinhar os estudiosos destes processos, os fatores internos ao campo académico e aos próprios antigos meios republicanos foram, como sempre na história da Ditadura, habilmente usados na construção do ambiente político e intelectual que motivava a decisão do encerramento da Faculdade de Letras da Universidade do Porto: uma Faculdade de *criativos* autodidatas; as campanhas internas à própria Faculdade, mas públicas, de Homem Cristo; a rivalidade antiga de António Sérgio relativamente a Leonardo Coimbra; as tomadas de posição do próprio Abel Salazar a propósito da Faculdade e dos seus responsáveis; em suma, todos estes processos, internos ao campo, ampliados e refratados pelas lutas desenvolvidas neste, contaram para a consumação do encerramento da Faculdade; ainda assim, deve reconhecer-se, que estes processos, sendo muito relevantes, não são suficientes para explicar a persistência deste desfecho. A decisão plasmada no Decreto nº 15.365, de 12 de abril de 1928, e a reprodução, no tempo, dos seus efeitos estiveram intrinsecamente ligadas

à emergência da Ditadura como forma de governo do país e ao quadro político visado para a relação com as ideias no novo regime que se gizava e que triunfaria nos anos que se seguiriam, a que não era alheia a forte conotação republicana a que os professores da Faculdade de Letras do Porto estavam sujeitos, desde logo, por força do protagonismo de Leonardo Coimbra e das lutas em que este se envolvera (análises substantivas, que este diagnóstico retoma, sobre os processos aqui descritos encontram-se, com diferentes cambiantes interpretativos, em: Araújo, 2008:58-65; Ramos, 2011:105-107; Baptista, 2012:183-198; Alves, 2012:369-370). É Pierre Bourdieu que releva, em múltiplos trabalhos, a importância de um projeto de conhecimento versado sobre a “causalidade estrutural”, em lugar de uma “explicação mecanicista”, para ler sociologicamente o modo como, no interior de determinados espaços sociais, processos, decisões e ações são apropriados em quadros próprios que lhes conferem especificidade (Bourdieu, 1966:865-906; 2013:477-482). Na análise do caso da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, as decisões tomadas pela Ditadura não poderão ser dissociadas da respetiva refração no interior do campo académico, sobretudo num quadro de ação em que os protagonistas políticos de tais decisões não eram imunes a relações estreitas com o mesmo campo académico (ver também Alves, 2012:419-427).

As incidências das transformações sociais e políticas decorrentes da Ditadura e da institucionalização do regime do “Estado Novo” no interior dos campos académico e cultural foram significativas. Importa ter presente, contudo, que, sendo muito relevantes, a promoção de “intelectuais orgânicos” (Torgal, 2009:71-117) e o seu reverso, traduzido na perseguição e expulsão de intelectuais “críticos” e “subversivos” relativamente aos propósitos políticos da “situação”, não esgotam as modalidades de atuação dos poderes públicos neste domínio e o quadro de condicionamento subjacente ao desenvolvimento das estratégias dos intelectuais relativamente à ação do Estado (e. g. Monteiro, 2018). Nomeadamente, em matéria de resistência, a ação do Estado gerou modalidades diferenciadas de defesa da autonomia dos intelectuais. Veremos tais práticas de resistência em vários dos antigos professores e estudantes da primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto ainda durante a Ditadura Militar e, posteriormente, durante o “Estado Novo”.

Recorrendo ao uso da prosopografia e do trabalho que diferentes investigadores têm realizado a seu propósito, não poderíamos deixar de recordar, neste momento, um homem que não é registado como vítima intelectual imediata da ação do “Estado Novo”, mas que corporizou, como poucos, a resistência e a obstinação intelectuais - no sentido de “*Eigensinn*”, para utilizar o conceito celebrizado por Alf Lüdtke (2000:63-88), habitualmente mobilizado para destacar outros processos, mas que aqui conhece aplicação. Referimo-nos a Francisco Newton de Macedo, o filósofo e pedagogo, tão erudito quan-

to discreto, de modo diligente e permanente ao lado de Leonardo Coimbra, um dos introdutores da psicologia experimental em Portugal e, na verdade, um protosociólogo atualizado, de não longínqua inspiração durkheimiana (Baptista, 2009) que teria, muito certamente, contribuído para uma reconfiguração do campo académico português no domínio das ciências sociais se houvesse prosseguido a sua criativa trajetória académica. Para figuras decisivas – e, ao mesmo tempo, tão marcantes quanto intelectualmente estimulantes e dissonantes no meio académico do país –, da historiografia e das ciências humanas do Portugal do século XX como Vitorino Magalhães Godinho, Newton de Macedo, figura esquecida da história das ideias do país, fora helenista de referência e o melhor professor que tivera (Godinho, 1984:16; Baptista, 2012:256). Uma vez encerrada a Faculdade de Letras, Newton de Macedo foi colocado como professor no Liceu Gil Vicente, em Lisboa, de onde partira para o Porto. Mas, mais importante ainda, e como tem ocasião de assinalar Pedro Baptista nos extensos trabalhos que dedicou à filosofia e à biografia de Newton de Macedo (Baptista, 2010, 2012), recusando-se a colaborar com o regime – recusando-se, por exemplo, a prestar novas provas noutra Faculdade –, por convicção “democrática”, Newton de Macedo acabou afastado do ensino superior e também afastado do ensino liceal, sendo obrigado a dedicar-se ao ensino privado e às explicações, não sem manter importante colaboração na *História de Portugal* “de Barcelos” e uma relevante presença nas tertúlias dos cafés de Lisboa. Morreu de intoxicação alimentar aos 50 anos, deixando uma obra versátil que ainda hoje carece de ser conhecida, mas que importa ter presente quando se perspetiva o significado da relação entre a biografia intelectual dos professores e a história das instituições sob a Ditadura e o “Estado Novo” (Baptista, 2010:227-231). Considerações análogas relativamente a vários dos outros professores da Faculdade de Letras poderiam também ser estabelecidas⁶.

SEGUNDA ILUSTRAÇÃO: OS POSICIONAMENTOS NO ESPAÇO DOS INTELCTUAIS DO PORTO E A FACULDADE DE LETRAS NUM MOMENTO DE REABERTURA, MAS TAMBÉM DE CRISE

A segunda ilustração retém uma outra conjuntura de crise, definida em torno de um intervalo temporal compreendido entre 1958 e 1965, uma conjuntura que corresponde, como sabido, a um momento específico na história do “Estado Novo”, da cidade e dos intelectuais sob tal configuração. Retomando os resultados de investigações que temos desenvolvido sobre este

⁶ Para além da já referenciada leitura da biografia intelectual de Newton de Macedo, o leitor interessado encontra no trabalho de Pedro Baptista documentação significativa sobre a biografia de docentes e de primeiros estudantes da Primeira Faculdade de Letras. Para esse efeito, cf. Baptista (2012:203-315, 317-457).

período (Monteiro, 2012; Monteiro e Pereira, 2014:228-230), são vários os processos sociopolíticos relevantes para a definição deste momento específico: o já mencionado início de novo movimento de contestação ao “Estado Novo”, decorrente da campanha de presidencial de Humberto Delgado (Reis, 2019), imediatamente reforçado pela crise académica de 1962 (Morais e Costa, 2012) e pelo impacto político e social do deflagrar da Guerra Colonial; as dinâmicas renovadas de participação cívica nas cidades do país, associadas à exploração, por intelectuais, estudantes e outros agrupamentos sociais – como por exemplo os de filiação católica, de maior ou menor pertença operária – das oportunidades abertas pelo regime em matéria de associativismo e de movimento organizativo de matriz cultural, que permitem e permitirão a fundação de novas cooperativas culturais (Coelho, 2010), de editoras e de espaços para a dinamização do comércio e da circulação de livros (Medeiros, 2018:124-181), ou o acesso de membros da “oposição” à direção de coletividades da cidade; uma imprensa portuense dinâmica (diária, semanal e dotada de vários suplementos especializados), localizada no centro da cidade, que é, simultaneamente, espaço para o desenvolvimento profissional de jornalistas e de intelectuais e para a promoção de encontros e atividades comuns; não obstante as contradições sociais, um profundo dinamismo sociabilitário, associado à vivência habitada do centro da cidade, a uma densa vida de café (Pereira, 1995) e à frequência regular de livrarias; ainda que socialmente seletiva, uma procura mais sistemática de escolas e liceus por novas gerações de estudantes.

Num tal quadro, a densificação de espaços de produção e de circulação de sentido de diferente âmbito permite o reforço de redes de relações entre intelectuais, contribuindo, mesmo se a título precário, para a definição e difusão de valores intelectuais próprios, ou pelo menos para a intensificação das disputas em torno da sua definição. Correspondendo a uma aspiração antiga de pelo menos um segmento do corpo dos professores da própria Universidade (Pina, 1966), não é também por acaso que, no interior da Universidade e do regime, se autoriza, com a publicação do Decreto-Lei nº 45.864, de 17 de agosto de 1961, uma nova abertura da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. A força das coisas e a vontade de figuras influentes da Universidade e da região impeliam-na, apontando, inicialmente, para a criação de licenciaturas em História e Filosofia, e também para o curso de Ciências Pedagógicas (Homem, 2011:15).

À luz das coordenadas analíticas definidas no programa de pesquisa previamente discutido, é particularmente ilustrativo proceder à conjugação do trabalho prosopográfico sobre cerca de 200 intelectuais da cidade no período em apreço (1958-1965) (Monteiro, 2012) com a análise geométrica de dados (Le Roux e Rouanet, 2010). Sem documentar detalhes que só poderão ser afe-

ridos através de um exame mais detalhado dos procedimentos teóricos, metodológicos e técnicos dinamizados no estudo que serve de referência a esta discussão⁷, é possível, contudo, registar aqui pelo menos as seguintes coordenadas interpretativas: o mundo dos intelectuais do Porto no período estudado está muito longe de ser homogéneo, desde logo em termos de composição social, sendo suscetível de ser definido analiticamente como um “espaço social” dotado de sentido estatístico e sociológico (Bourdieu, 1979, 1984); a configuração das relações de poder que é possível identificar mediante estes procedimentos revela divisões marcantes; uma fração significativa dos intelectuais portuenses pode ser definida como temporalmente dominante, inserindo-se na dinâmica institucional do “Estado Novo”, monopolizando capitais e recursos organizativos, com destaque para os que passam pela Universidade; uma fração alternativa, de intelectuais temporalmente dominados, inscreve-se no mundo dos jornais e aproxima-se, por origem e interesse, do mundo operário; uma terceira fração dos intelectuais portuenses define-se, fundamentalmente, pelo apuramento do capital cultural detido e pela antiguidade da sua origem, situando-se, contudo, fora da Universidade; uma quarta fração configura-se em torno da quantidade e da qualidade do capital económico e social, remetendo para uma intelectualidade que é também feita de “notoriedade” tradicional, ligada a uma antiguidade burguesa ou burocrática (Monteiro e Pereira, 2014:236-242).

Os contrastes no domínio dos posicionamentos estabelecidos deste modo no espaço social possuem, por sua vez, relações de homologia com os universos das práticas de produção e de circulação de sentido característicos dos intelectuais estudados. Também estas podem ser brevemente identificadas: do ponto de vista político, as divisões operam-se entre as perspetivas da “situação”, de âmbito nacionalista, e perspetivas oposicionistas, de âmbito republicano/democrata, mas também comunista; e entre comunistas e apolíticos, por um lado, e conservadores/monárquicos, por outro; intelectuais dominantes caracterizam-se pela proximidade ao nacionalismo; intelectuais dominados integram a oposição democrática; intelectuais dotados de capital cultural específico são marcados pela proximidade ao comunismo ou ao apolitismo; intelectuais de extração tradicional são mais próximos do conservadorismo ou das correntes monárquicas (Monteiro e Pereira, 2014:244-248).

Compreende-se, por outro lado, como eram contrastantes os objetos e as criações intelectuais que uns e outros geravam e como eram distintos os espaços de reconhecimento e de circulação para os intelectuais estabelecidos

⁷ Para desenvolvimentos mais substantivos e circunstanciados sobre este assunto, cf. o trabalho que está na origem da presente leitura em Monteiro e Pereira (2014:230-233). Para um exame detalhado da informação de base, ver Monteiro (2012).

na cidade do Porto. Ao terem o acesso bloqueado aos espaços de participação política e cultural legítimos, os intelectuais temporalmente dominados procuraram estratégias de legitimação intelectual alternativas através da criação de associações culturais, promovendo redes e alianças com outras frações da intelectualidade portuense, nomeadamente as que se posicionavam em torno dos segmentos mais marcados por capital cultural específico (a terceira das frações previamente identificadas). Nestas associações foi-lhes possível constituir e criar oportunidades de publicação e de reconhecimento público, que abriram portas à formação de uma rede alternativa de produção e de circulação culturais, sob vários aspetos e progressivamente, muito distante, cultural e, obviamente, politicamente, do mundo dominante da intelectualidade portuense de então.

Os conhecedores da história da Faculdade de Letras e da Universidade sabem onde se localizam os professores da Faculdade desta época no espaço dos intelectuais assim construído: estarão, necessariamente – com margens de variação não irrelevantes, ainda assim –, agrupados na região temporalmente dominante do espaço, contribuindo ativamente para a definição da sua configuração; sintomaticamente, a conjuntura política levava à exclusão de nomes como os de Joel Serrão, Joaquim Barradas de Carvalho ou João Bernard da Costa do concurso documental de 1961-62 para encarregados de curso (Homem, 2011:19). Quem viveu e conhece a história da Faculdade de Letras do Porto sabe também o que implicou, pouco mais de uma década depois, a Revolução de abril de 1974. O impacto específico da Revolução no interior do campo cultural e intelectual portuense terá também a Universidade por epicentro; as criações de intelectuais temporalmente dominados do passado serão finalmente objeto de um certo reconhecimento institucional e alguns dos detentores de capital cultural específico que documentávamos em regiões afastadas da academia do espaço dos intelectuais do Porto terão, finalmente, acesso a uma posição na Universidade e, neste caso, na Faculdade de Letras. Não ignorando as novas tensões que emergirão no interior da Faculdade na sequência da Revolução (Homem, 2015:6), importa ter presente que estas serão aqui refratadas por interesses que não serão apenas políticos; envolverão combinatórias específicas, cuja lógica se revestirá também de conteúdos eminentemente intelectuais e que será importante hoje documentar, com a devida distância que o tempo garante. Com base no programa de pesquisa subjacente ao presente trabalho, os exercícios deste modo sugeridos seriam também possíveis para esta conjuntura, mesmo quando esta, numa perspetiva imediatista, se apresenta como “caótica”.

NOTA FINAL

Nesse sentido, é particularmente importante que possamos resgatar ao passado a memória de tempos mais recuados. Por uma daquelas ironias habituais na história – e que não está isenta de causalidade social, cujo entendimento terá de ser deixado para um outro momento –, contrariamente a outras Faculdades da Universidade do Porto (pense-se, por exemplo, na Faculdade de Arquitetura), a Faculdade de Letras não tem investido sistematicamente no seu autoconhecimento, não obstante o interesse e a qualidade de vários estudos disponibilizados ao longo dos últimos anos e a que fomos recorrendo durante a presente intervenção. Contrariando esta tendência, os desafios colocados pela análise biográfica e prosopográfica da vida dos homens e mulheres que protagonizaram a atividade académica na Faculdade de Letras no período aqui destacado e nos períodos subsequentes e a sua integração pelos princípios da análise geométrica de dados constituem práticas de investigação heurísticas que nos podem ajudar a captar a realidade da Faculdade no passado, que tão importante foi para a constituição da Faculdade do tempo presente.

Em diferentes modalidades, no passado, muitos sofreram pela defesa da existência da Faculdade e pela sua autonomia, dando-lhe o melhor das suas vidas e do seu saber. Enquanto professores e investigadores destes domínios do conhecimento, teremos sempre obrigações perante a autonomia do saber, mas temos também algumas obrigações perante a memória de quem lutou ativamente, em diferentes modalidades, pela sua defesa. Eis, pois, uma razão renovada para prosseguir com a análise. E eis também uma razão mais para felicitar a iniciativa da comemoração do centenário da criação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que nos ajudou a recuperar estes questionamentos.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. F. (2012) - *A Universidade na República, a República na Universidade: a UP e a I República: 1910-1926*. Porto: Editorial da Universidade do Porto.

ALVES, J. F. (1998) - *O Furacão “Delgado” e a Ressaca Eleitoral de 1958 no Porto*. Porto: CLC-FLUP.

ARAÚJO, F. M. (2013) - Luís de Pina. In *Biografias Vimaranenses*. Ed. A. A. das Neves. Guimarães: Fundação Cidade de Guimarães, p. 377-410.

ARAÚJO, F. M. (2008) - *Faculdade(s) de Letras da Universidade do Porto: da (re)criação à revolução*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. (Tese de mestrado não publicada).

BAPTISTA, P. (2012) - *O Milagre da Quinta Amarela: história da primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto: 1919-1931*. Porto: Editorial da Universidade do Porto.

BAPTISTA, P. (2010) - *Pluralidade na escola portuguesa de filosofia: o pensamento moral e político de Newton de Macedo*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

BAPTISTA, P. (2009) - Newton de Macedo: da filosofia da história para a sociologia. *Sociologia: revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. 19, 369-409.

BOURDIEU, P. (2013) - *Manet: une révolution symbolique*. Paris: Raisons d'Agir; Seuil.

BOURDIEU, P. (2000) - *Les Structures sociales de l'économie*. Paris: Seuil.

BOURDIEU, P. (1998) - *Méditations Pascaliennes*. Paris: Seuil.

BOURDIEU, P. (1984) - *Homo Academicus*. Paris: Minuit.

BOURDIEU, P. (1979) - *La Distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Minuit.

BOURDIEU, P. (1966) - Champ intellectuel et projet créateur. *Les Temps modernes*. 246, 865-906.

CHARLE, C. (2001) - *Les Intellectuels en Europe au XIX^e siècle: essai d'histoire comparée*. Paris: Seuil.

CHARLE, C. (1990) - *Naissance des 'intellectuels' 1880-1900*. Paris: Minuit.

COELHO, M. B. (2010) – *Confronto: memória de uma cooperativa cultural. Porto 1966-1972*. Porto: Afrontamento.

DOBRY, M. (2009) - *Sociologie des crises politiques: la dynamique des mobilisations multisectorielles*. Paris: Presses Sciences Po.

GOBILLE, B. (2008). L'Événement Mai 68: pour une sociohistoire du temps court. *Annales: Histoire, Sciences Sociales*. 63:2, 321-349.

GODINHO, V. M. (1984) – Prefácio: A educação, a transformação de Portugal e a mudança de civilização. In SÉRGIO, A. - *Educação Cívica*. Lisboa: Ministério da Educação, p. 1-18.

GUERRA, J. P. M.; NUNES, A. S. (1969) - A Crise da Universidade em Portugal: reflexões e sugestões. *Análise Social*. 7, 5-49.

HOMEM, A. L. C. (2015) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto: 1919-1931 e 1962 ss. In *Dicionário de Historiadores Portugueses: da fundação da Academia Real das Ciências ao final do Estado Novo: 1779-1974*. p. 1-21. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/122548>.

HOMEM, A. L. C. (2011) - Os 50 anos da Faculdade de Letras: passado e presente. In *FLUP 50: transformar o futuro sem esquecer o passado*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 13-22. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/61195>.

JURT, J. (1980) - *La Réception de la littérature par la critique journalistique*. Paris: Éditions Jean-Michel Place.

LE ROUX, B.; ROUANET, H. (2010) - *Multiple correspondence analysis*. Thousand Oaks: Sage.

LÜDTKE, A. (2000) - *Des Ouvriers dans l'Allemagne du XX^e siècle: le quotidien des dictatures*. Paris: L'Harmattan.

MEDEIROS, N. (2018) - *O Livro no Portugal contemporâneo*. Lisboa: Le Monde diplomatique; Outro Modo.

MONTEIRO, B. (2018) - Heteronomy, institutionalization, and modes of legitimation in Portuguese sociology under the Estado Novo regime: 1957-1974. In *Social sciences in the other Europe*. Ed. A. Hîncu, V. Karády. Budapest: Pasts; Central European University, p. 224-247.

MONTEIRO, B. (2016) - Penser l'État: une relecture de l'historiographie récente sur l'«Estado Novo»: 2010-2015. *Histoire politique: politique, culture, société*. 29, 1-12.

MONTEIRO, B. (2012) - *A Política em todos os seus estados: génese e estruturação da mobilização política no patronato, na intelectualidade e no operariado portuenses na segunda metade do século XX*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. (Tese de doutoramento não publicada).

MONTEIRO, B.; PEREIRA, V. B. (2018) - A Ordem da grandeza benemerente: notáveis locais, lutas de poder e conjunturas históricas ao longo do século XX: 1910-1974. In *Sob o manto da misericórdia: contributos para a história da Santa Casa da Misericórdia do Porto. Vol. IV - De 1910 aos nossos dias*. Ed. V. B. Pereira, P. Teixeira. Coimbra: Almedina, p. 129-194.

MONTEIRO, B.; PEREIRA, V. B. (2016) - Prosopografia e intelectuais: notas de uma pesquisa sócio-histórica sobre o Porto, 1958-1965. In *Quem faz a história: ensaios sobre o Portugal contemporâneo*. Ed. J. Neves. Lisboa: Tinta da China, p. 175-184.

MONTEIRO, B.; PEREIRA, V. B. (2014) - Os Intelectuais, o poder e a cidade: o espaço social dos intelectuais do Porto no Estado Novo: 1958-1965. In *Intelectuais europeus no século XX: exercícios de objetivação sócio-histórica*. Ed. B. Monteiro, V. B. Pereira. Porto: Afrontamento, p. 217-258.

MONTEIRO, B.; PEREIRA, V. B., ed. (2013) - *A Política em Estado Vivo: uma visão crítica das práticas políticas*. Lisboa: Edições 70. (*Le Monde diplomatique*, edição portuguesa).

MORAIS, C. C.; COSTA, A. A. (2012) - O Porto na crise académica de 1962. In *100 dias que abalaram o regime: a crise académica de 1962*. Ed. A. Pinto. Lisboa: Tinta da China, p. 97-102.

PEREIRA, V. B., ed. (2016) - *A Habitação social na transformação da cidade: sobre a génese e efeitos do Plano de Melhoramentos para a cidade do Porto de 1956*. Porto: Afrontamento.

PEREIRA, V. B. (2013) - Sobre a importância de se chamar Ernesto, Ave-lino ou Amadeu. In *A Política em Estado Vivo: uma visão crítica das práticas políticas*. Ed. B. Monteiro, V. B. Pereira. Lisboa: Edições 70, p. 237-251. (*Le Monde diplomatique*, edição portuguesa).

PEREIRA, V. B. (1995) - Café com quê?!: uma análise sobre práticas semi-públicas de sociabilidade em espaços-tempos intermediários da Baixa portuense. *Sociologia: revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. 5, 151-176.

PEREIRA, V. B.; TEIXEIRA, P. (2018) - Introdução. In *Sob o manto da misericórdia: contributos para a história da Santa Casa da Misericórdia do Porto. Vol. IV - De 1910 aos nossos dias*. Ed. V. B. Pereira, P. Teixeira. Coimbra: Almedina, p. 37-51.

PINA, L. (1966) - Faculdade de Letras do Porto: breve história. *Cale: revista da Faculdade de Letras do Porto*. 1, 59-172.

PINTO, R. P. (2008) - *Prémios do Espírito: um estudo sobre prémios literários do Secretariado de Propaganda Nacional do Estado Novo*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

PONTON, R. (1975) - Naissance du roman psychologique. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. 4, 66-81.

RAMOS, L. O. (2011) - A Primitiva Faculdade de Letras do Porto e a Universidade de Coimbra. *Revista Portuguesa de História*. 42, 95-108.

REIS, J. (2019) - *Uma Campanha americana: Humberto Delgado e as presidenciais de 1958*. Lisboa: Tinta da China.

ROSAS, F. (2012) - *Salazar e o poder: a arte de saber durar*. Lisboa: Tinta da China.

ROSAS, F.; SIZIFREDO, C. (2013) - *Estado Novo e Universidade: a perseguição aos professores*. Lisboa: Tinta da China.

TOPALOV, C. (2015) - *Histoires d'enquêtes: Londres, Paris, Chicago, 1880-1930*. Paris: Classiques Garnier.

TORGAL, L. R. (2009) - *Estados Novos, Estado Novo: ensaios de história política e cultural*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, vol. 2.

